

# um crime em windsor

s. j. bennett

Tradução de Ana Mendes Lopes

PARA E.

E PARA CHARLIE E ROS,  
QUE COMBINAM O PRAZER DA FICÇÃO  
COM A BUSCA DA VERDADE.



×

# PARTE ÚM

HONI SOIT QUI  
MAL Y PENSE

«O mal para aquele que pensa mal»

— Lema da Ordem da Jarreteira

ABRIL 2016



# CAPÍTULO 1



O dia de primavera estava quase perfeito. O ar estava fresco e límpido, o céu azul-violáceo rasgado por fios de nuvens. À sua frente, por cima da linha das árvores de Home Park, o Castelo de Windsor refulgia num tom prateado com a luz da manhã. A Rainha parou o seu cavalo para admirar a vista. Não há nada melhor para a alma como uma manhã ensolarada no campo inglês. Mesmo oitenta e nove anos depois, ainda se sentia maravilhada com esta obra de Deus. Ou da evolução, para ser mais exata. Mas, em dias como este, ocorria-lhe atribuir a beleza a Deus.

Se tivesse de escolher uma residência favorita de entre todas as que possuía, esta seria a contemplada. Não o Palácio de Buckingham, que lhe dava a sensação de viver num quarteirão de escritórios dourado no meio de uma enorme rotunda. Não Balmoral ou Sandringham, apesar de ambas as propriedades lhe correrem no sangue. Windsor era simplesmente a sua casa. Fora ali que passara os dias mais felizes da sua infância: no Royal Lodge, nos teatros e pantominas, nos passeios a cavalo. Ainda era o local para onde regressava ao fim de semana para recuperar da formalidade interminável da cidade. Era ali que o papá fora sepultado, a querida mamã também, e Margarida estava ao lado de ambos, embora tivesse sido um pouco mais desafiante arranjar espaço no pequeno jazigo.

Se a revolução alguma vez chegasse, matutou a Rainha, pediria para se aposentar para aqui. Não que eles alguma vez o permitissem. O mais certo era que os revolucionários a despachassem para... para onde? Para

fora do país? Se assim fosse, iria para a Virgínia, assim chamada em honra da sua antecessora homónima, e casa do *Secretariat*, que ganhou a Triple Crown em 1973. Na verdade, se não fosse pela Commonwealth, e pelo pobre Carlos, pelo William e pelo pequeno George, todos tão alinhados para lhe sucederem depois de tão terrível destino, talvez o exílio não fosse uma ideia assim tão má.

Mas Windsor seria a melhor opção possível. Uma pessoa podia aguentar qualquer coisa desde que ali estivesse.

Visto de longe, o castelo parecia imperturbável, sossegado e meio adormecido. Mas não estava. No seu interior, cerca de quinhentas pessoas atarefavam-se com os seus afazeres. Era quase como uma aldeia, mas uma aldeia muito eficiente. A Rainha gostava de pensar em todos os funcionários, desde o governante da casa, que verificava todas as contas, até às camareiras, que estavam a fazer as camas depois da *soirée* da noite anterior. Só que hoje havia uma sombra a pairar sobre todo o ambiente.

Naquela manhã, um dos artistas que atuaram na *soirée* fora encontrado morto na sua cama. Aparentemente, morrera durante o sono. A Rainha conhecera-o. Com efeito, até dançaram juntos. Era um jovem russo que fora contratado para tocar piano. Era um rapaz tão talentoso e atraente. Que perda terrível para a sua família.

Por cima da sua cabeça, o rugido grave dos motores abafou o canto das aves. Montada na sela, a Rainha ouviu um silvo agudo e sonoro e levantou os olhos mesmo a tempo de ver um *Airbus A330* a aterrar. Quando se vive perto da rota de Heathrow, uma pessoa torna-se perita no reconhecimento de aviões, embora fosse bastante difícil identificar todos os aviões de passageiros atuais apenas pelas suas silhuetas. O nariz do avião fê-la despertar dos seus pensamentos e recordou-a de que precisava de regressar aos seus afazeres.

Antes disso, tomou nota mentalmente para perguntar pela mãe do jovem rapaz. Para ser franca, normalmente não se interessava muito pelas relações ausentes das outras pessoas. Manter-se a par das relações na sua própria família já lhe bastava. Mas algo lhe dizia que esta situação era diferente. Naquela manhã, quando lhe transmitira a notícia do sucedido, o seu secretário particular tinha uma expressão muito estranha no rosto. Não obstante o esforço interminável do seu pessoal para a proteger de qualquer coisa menos simpática, ela sabia sempre quando algo se passava. E, subitamente, apercebeu-se de que se passava de facto alguma coisa.

— Vamos — instruiu o cavalo. Ao seu lado, o tratador de cavalos que a acompanhava incitou o seu cavalo a caminhar também.

O PEQUENO-ALMOÇO JÁ ESTAVA A CHEGAR AO FIM, SOB O TETO GÓTICO trabalhado da pequena Sala de Jantar de Estado. O gerente de corridas da Rainha partilhava *bacon* e ovos com o arcebispo da Cantuária, o antigo embaixador de Moscovo e alguns convidados da noite anterior que se deixaram ficar para trás.

— Que serão interessante — disse o gerente ao arcebispo, que estava sentado à sua esquerda. — Não fazia ideia de que sabia dançar tango.

— Nem eu — resmungou o arcebispo. — A pequena bailarina incitou-me a dançar. Agora estou aqui cheio de dores nas barrigas das pernas. — O arcebispo baixou a voz. — Diga-me, numa escala de um a dez, quão ridícula foi a minha atuação?

O gestor de corridas sorriu.

— Para citar o Nigel Tufnel, direi que foi um onze. Não estou certo de alguma vez ter visto a Rainha a rir-se tanto.

O arcebispo franziu o sobrolho.

— O Tufnel? Ele esteve aqui ontem à noite?

— Não. O Tufnel que entrava no filme *Spinal Tap*.

O dançarino relutante sorriu com timidez.

— Oh, céus. — Curvou-se para massajar as barrigas das pernas por baixo da mesa e cruzou o olhar com uma mulher extremamente bonita, magra como uma modelo, que estava sentada na mesa mesmo à sua frente. Os seus olhos grandes e escuros pareciam fitar-lhe a própria alma. A mulher sorriu discretamente. Ele corou como se fosse um menino do coro.

Mas Masha Peyrovskaya estava a olhar através dele, não para ele. A noite anterior fora a experiência mais intensa da sua vida e ainda se encontrava a saborear cada segundo.

— Jantar — ensaiou mentalmente — e pernoitar. Jantar e pernoitar. Na semana passada, jantei e pernoitei no Castelo de Windsor. Oh, sim. Com Sua Majestade, a Rainha de Inglaterra. Nunca esteve num serão no castelo? Oh, são maravilhosos. — Como se fosse uma coisa que lhe acontecesse todas as semanas. — Eu e o Yuri tínhamos aposentos com vista para a povoação. Sua Majestade usa o mesmo sabonete que nós. Depois de a conhecermos, percebemos que é uma senhora muito engraçada. E os seus diamantes são lindos de morrer...

O seu marido, Yuri Peyrovski, estava a curar uma ressaca gigantesca com uma mistura de vegetais e gengibre feita especialmente de acordo com a sua receita pessoal. O pessoal do castelo era realmente eficiente. Yuri ouvira rumores sobre como a Rainha guardava os seus cereais de pequeno-almoço em caixas de plástico (não que ela se tivesse juntado a eles naquela manhã). Ele estava à espera de encontrar um ar «*shabby chic*» inglês no castelo, o que significava que as casas tinham, na verdade, uma manutenção deficiente, aquecimento desadequado e tinta a escamar. Mas fora mal informado. Esta sala, por exemplo, tinha reposteiros elaborados de seda vermelha, duas dúzias de cadeiras douradas iguais em redor da mesa e uma alcatifa imaculada feita por medida. Todas as restantes divisões eram igualmente imaculadas. Nem o seu próprio mordomo conseguiria encontrar grandes defeitos no castelo. O vinho do Porto que se bebera na noite anterior também era de excelente qualidade. E o restante vinho. E também havia *brandy*, não havia? Recordava-se vagamente de que havia *brandy*.

Apesar de sentir a cabeça a latejar, virou-se para a mulher à sua esquerda, que era a ex-mulher do embaixador, e perguntou se ela sabia como ele podia solicitar os serviços de um bibliotecário privado, como aquele que conheceram depois do jantar. A ex-mulher do embaixador não sabia, mas como tinha imensos amigos desabonados e muito bem letrados, socorreu-se de todo o seu charme e fez o melhor que pôde.

Foram interrompidos pela aparição de uma mulher alta, de cabelo negro e fato de calças às pregas, que parou junto à entrada numa pose dramática, de mão na anca e lábios carmesins comprimidos em expressão de alarme.

— Oh, peço imensa desculpa! Estou atrasada?

— Não, de todo — respondeu amigavelmente o gerente de corridas, embora estivesse terrivelmente atrasada. Muitos dos convidados já tinham acabado o pequeno-almoço e subido aos seus quartos para fazerem os seus sacos de noite. — Nós aqui temos horários muito descontraídos. Entre e sente-se ao meu lado.

Meredith Gostelow encaminhou-se para a cadeira que o criado lhe puxou e assentiu com veemência à sugestão de uma chávena de café.

— Dormiu bem? — perguntou uma voz familiar à sua direita. Era Sir David Attenborough, com a sua voz tão melodiosa e modos tão gentis como se via na televisão. Fazia-o parecer um panda em vias de extinção.

— Humm, sim — mentiu ela. Enquanto se sentava olhou em redor da

mesa, viu a bonita Masha Peyrovskaya a dirigir-lhe um sorriso tímido e quase falhou a cadeira.

— *Eu não dormi nada* — murmurou Masha com uma voz rouca. Várias cabeças se viraram na sua direção, menos a do marido, que se limitou a franzir o sobrolho para o copo de sumo. — *Passei a noite toda a pensar na beleza, na música, no... «ckazka»... como se diz em inglês?*

— *No conto de fadas* — murmurou o embaixador do outro lado da mesa, com uma voz austera.

— *Sim, no conto de fadas. É mesmo isso, não é? É como estar na Disney! Mas com mais classe.* — Fez uma pausa. Aquilo não saía como o pensara. O seu inglês retraía-a, mas tinha esperanças de que o entusiasmo que sentia transparecesse na sua voz. — *O senhor tem sorte.* — *Virou-se para o gerente de corridas.* — *Vem aqui com frequência, não vem?*

Ele sorriu amplamente, como se ela tivesse acabado de fazer uma graça.

— *Venho, sim.*

Antes de ela poder investigar a origem da diversão dele, um novo criado apareceu resplandecente no seu colete vermelho e casaco de abas preto, dirigiu-se ao marido e murmurou-lhe ao ouvido qualquer coisa que Masha não conseguiu apanhar. Yuri corou, empurrou a cadeira para trás sem dizer uma palavra e seguiu o criado para fora da sala.

Agora que se lembrava disto, Masha culpava-se por ter falado nos contos de fadas. De certa forma, a culpa era toda sua. Porque quando se pensa nos contos de fadas, reparamos que eles contêm sempre forças negras e malévolas. O mal espreita onde menos queremos que ele esteja, e são muitas as vezes em que nos vence. Que estúpida fora por pensar na Disney, quando, na verdade, devia estar a pensar na Baba Yaga e na floresta.

*Nunca estamos em segurança. Não importa em quantos casacos de peles nos embrulhamos ou os diamantes que usamos. E um dia, vou dar por mim velha e sozinha.*



## CAPÍTULO 2



— **S**imon?  
— Sim, Majestade? — O secretário privado da Rainha, Simon Holcroft, levantou os olhos da agenda que tinha nas mãos. A Rainha voltara da sua cavalgada e estava sentada à secretária, vestida com uma saia de *tweed* cinzento e um dos seus casacos de caxemira favoritos, que lhe realçava o azul dos olhos. A sua sala de estar privada era um espaço acolhedor, para um castelo gótico, cheio de sofás demasiado gastos e uma vida inteira de tesouros e recordações. Ele gostava daquela sala. Hoje, porém, a voz de Sua Majestade tinha uma entoação um pouco austera, deixando Sir Simon ligeiramente nervoso, embora se esforçasse por não o demonstrar.

— O tal jovem russo. Há alguma coisa que não me tenha contado?

— Não, minha senhora. Segundo creio, o corpo vai a caminho da morgue. O Presidente pretende chegar no dia vinte e dois, vem de helicóptero, e questionámo-nos se a senhora gostaria de...

— Não mude de assunto. Vi que tinha uma certa expressão no rosto.

— Minha senhora?

— Quando me contou o sucedido, hoje cedo. Estava a tentar poupar-me a alguma coisa. Não o faça.

Sir Simon engoliu em seco. Sabia exatamente o que estava a tentar ocultar da sua soberana já idosa, para a poupar. Mas a Patroa era a Patroa. Pigarreou.

— Ele estava desnudo, minha senhora. Quando o encontraram.

— Sim? — A Rainha olhou atentamente para ele. Imaginou um jovem em forma deitado na sua cama, despido por baixo dos lençóis. Por que motivo seria isto algo invulgar? Quando era novo, Filipe era conhecido por não gostar de pijamas.

Sir Simon olhou também para a Rainha. Demorou alguns instantes a perceber que ela não encarava este facto com estranheza. Precisava de mais detalhes; preparou-se para o que ia dizer.

— Humm, estava desnudo à exceção de um robe de noite lilás. Por cujo cinto se encontrava, infelizmente... — a sua voz desvaneceu. Não conseguia dizer isto. Daqui a duas semanas, a senhora faria noventa anos.

O olhar da Rainha transformou-se bruscamente quando percebeu o significado.

— Está a dizer-me que ele estava pendurado pelo cinto do robe?

— Sim, minha senhora. Tragicamente. Num armário.

— Num armário?

— Num roupeiro, para ser mais preciso.

— Bem. — Seguiu-se um breve momento de silêncio em que ambos tentaram imaginar a cena, para logo de seguida desejarem não o ter feito. — Quem o encontrou? — O tom de voz da Rainha soou áspero.

— Uma das governantas. Alguém reparou que ele não comparecera ao pequeno-almoço e — fez uma pausa breve, para se recordar do nome — a senhora Cobbold foi ver se já estava acordado.

— E ela está bem?

— Não, minha senhora, não está. Creio que já lhe foi oferecido acompanhamento psicológico.

— Que coisa extraordinária... — A Rainha ainda estava a imaginar semelhante descoberta.

— É de facto, minha senhora. Segundo parece, foi algo accidental.

— Ai sim?

— Pela forma como ele foi encontrado... e o quarto. — Sir Simon voltou a pigarrear.

— A forma como foi encontrado, Simon? E o quarto, o que aconteceu? Sir Simon inspirou profundamente.

— Havia roupa interior... de senhora. Batom. — Fechou os olhos. — E lenços. Dá a entender que ele andou a... experimentar. Para seu prazer. É provável que não tivesse intenção de...

A esta altura, ele já estava de todas as cores, e a Rainha teve pena dele.

— Mas que horror. Já chamaram a polícia?

— Já, sim. O comissário prometeu-nos a sua mais absoluta discricção.

— Ótimo. Os pais do senhor já foram avisados?

— Não sei, minha senhora — disse Sir Simon, tomando nota. — Vou averiguar.

— Obrigada. É tudo, Simon?

— Quase. Convoquei uma reunião para esta tarde, para conter a publicidade ao sucedido. A senhora Cobbold já se mostrou bastante compreensiva. Tenho a certeza de que podemos contar com a sua lealdade absoluta e deixaremos a instrução bem clara para o resto do pessoal: nada de falatório. Precisamos de avisar os convidados quanto ao óbito, embora não, obviamente, a forma como este ocorreu. Uma vez que foi o senhor Peyrovski quem trouxe o senhor Brodsky até ao castelo ontem à noite, ele já foi informado.

— Compreendo.

Sir Simon olhou novamente de relance para a sua agenda.

— Agora, coloca-se a questão de onde a senhora deseja receber realmente os Obamas...

E voltaram aos assuntos do costume. Embora toda esta situação fosse bastante perturbadora.

Que uma coisa destas tivesse acontecido aqui. Em Windsor. Num armário. Com um robe de noite lilás.

A Rainha não sabia se tinha mais pena do castelo ou do homem. É óbvio que o sucedido foi bastante mais trágico para o pobre jovem pianista, mas ela conhecia melhor o castelo. Conhecia-o como a palma das suas mãos. Era um acontecimento terrível, terrível. E depois de uma noite tão maravilhosa.

A RAINHA TINHA O HÁBITO DE PASSAR UM MÊS NO CASTELO DURANTE A primavera, para a Corte de Páscoa. Longe das formalidades excessivas do palácio, aqui podia receber de forma mais descontraída e informal — o que significava dar festas para vinte pessoas em vez de banquetes para cento e sessenta, por outro lado, no castelo tinha oportunidade de reencontrar velhos amigos. Este jantar e pernoitar em particular, uma semana depois da Páscoa, fora um tanto açambarcado pelo Carlos, que quis usá-lo para granjear os favores de uns russos abastados para um dos seus projetos que necessitava de injeção de capital.

Carlos solicitara a presença de Yuri Peyrovski e da sua jovem mulher

sobrenaturalmente bonita, assim como de um gestor de património chamado Jay Hax, que se especializara em mercados russos e tinha reputação de ser uma pessoa terrivelmente entediante. A Rainha concordara com esta lista de convidados para fazer a vontade ao filho, mas acrescentara algumas sugestões suas.

Sentada à secretária, pensou na lista de convidados, cuja cópia estava ainda entre a sua papelada. Sir David Attenborough estivera presente, claro. Era sempre um convidado maravilhoso e da idade da Rainha, o que nos dias que corriam era uma raridade. Mas Sir David mostrara-se bastante sombrio com o estado do planeta por conta do aquecimento global. Uma tragédia. Também convidara o seu gerente de corridas, que ficaria no castelo durante alguns dias e que nunca se deixava ensombrar grandemente com nada, graças a Deus. A eles juntaram-se uma romancista e o marido argumentista cujos filmes leves e engraçados eram a epítome do espírito britânico. Estavam ainda o diretor de Eton e a sua mulher, que viviam mesmo ao virar da esquina do castelo e eram convidados regulares.

Para agradar a Carlos, incluía várias pessoas com ligações russas. O embaixador britânico em Moscovo, recentemente regressado à Inglaterra... a atriz de ascendência russa galardoada com um Óscar, que era justamente famosa pela sua forma anafada e língua afiada... quem mais? Ah, sim, aquela arquiteta britânica que estava na moda agora por se encontrar a construir um grandioso anexo a um museu russo, e a professora de literatura russa e o seu marido (hoje em dia não se podia presumir o género ou a sexualidade dos professores — como Filipe aprendera a duras penas —, mas esta professora era definitivamente uma mulher casada com um homem).

E havia mais alguém... A Rainha olhou para a lista. Oh, *claro*, o arcebispo da Cantuária. Ele também era um convidado regular com que se podia contar para manter a conversa viva caso os restantes convidados fossem um pouco mais tímidos, como acontecia por vezes. O infortúnio oposto era quando todos os convidados eram tão faladores que uma pessoa mal conseguia dizer uma palavra aqui e acolá. Para isto não havia muito a fazer, a não ser atirar um ou outro olhar austero de esquelha.

A Rainha gostava sempre de proporcionar algum entretenimento aos seus convidados, e o senhor Peyrovski sugerira a Carlos um jovem protegido seu que «tocava Rachmaninov com dedos de anjo». Também havia um par de bailarinas que dançariam alguns solos isolados retirados d'O *Lago dos Cisnes*, ao estilo imperial russo, embora a música não fosse ao

vivo. Todo o serão fora planeado para ser requintado, sério e emotivo. Na verdade, a Rainha não estivera nem um pouco ansiosa. A Corte de Páscoa devia ser uma ocasião alegre, mas a *fête à la russe* do Carlos parecia tremendamente sombria.

E, no entanto, uma pessoa nunca sabia o que podia acontecer.

A comida estava sublime. A nova *chef*, ansiosa por provar o seu valor, criara maravilhas com produtos vindos de Windsor, Sandringham e da horta de Carlos em Highgrove. O vinho era sempre bom. Sir David, quando não estava a profetizar a morte iminente do planeta, era sempre terrivelmente divertido. Os russos não eram tão entediantes quanto ela temera e Carlos sorria resplandecente com gratidão (embora ele e Camila tenham saído logo após o café, já que tinham um evento em Highgrove no dia seguinte, deixando-a a sentir-se a mãe de um estudante universitário que só vem a casa para que alguém lhe trate da roupa suja).

Já com um grão na asa, juntaram-se a outros membros da família, que estavam reunidos a comer no Salão Octogonal, na Torre Brunswick, de onde partiram todos para a biblioteca para observar os tomos mais interessantes da sua coleção russa, que incluía algumas bonitas primeiras edições de poesia e peças de teatro traduzidas, que a Rainha sempre tivera intenção de ler um dia, mas que nunca chegara a fazê-lo. Filipe, que se levantara de manhã bem cedo, desapareceu discretamente para dormir, e a atriz vencedora do Óscar, cujo perfil fora bastante admirado e cujas opiniões de Hollywood foram uma enorme fonte de diversão, foi levada para um hotel em Pinewood, onde deveria retomar as filmagens ao amanhecer. E ficaram então... o pianista e as bailarinas.

O restante grupo, já muito descontraído, passou para a Sala de Estar Carmesim para ouvir alguns excertos do Segundo Concerto para Piano de Rachmaninov. Esta era uma das salas favoritas da Rainha para receber convidados, com as paredes forradas a seda vermelha, os retratos da mamã e do papá muito elegantes com os mantos da coroação, cada um deles disposto num dos lados da lareira, a vista do parque durante o dia e os extravagantes lustres iluminados à noite, a vista da Sala de Estar Verde para lá da porta. Foi uma das salas devastadas pelo incêndio de 1992, embora agora nem se desse por isso. Tudo foi restaurado com a maior perfeição e a sala era o cenário ideal para serões como este.

Conforme prometido, o jovem pianista era de facto magnífico. Teria Simon dito que o seu nome era Brodsky? Tinha pouco mais de vinte anos, achava a Rainha, mas possuía a sensibilidade musical de um homem

bastante mais velho. Parecia deixar-se arrebatado pela paixão da peça que tocava, enquanto ela dera por si a reviver cenas de *Breve Encontro*. E também era um jovem bem-parecido. Todas as mulheres ficaram hipnotizadas por ele.

Depois, as bailarinas dançaram os seus solos — maravilhosamente. Margarida teria gostado delas. A Rainha achou-as um pouco barulhentas demais, mas é provável que fossem só as sapatilhas de *ballet* que traziam. A seguir, surgiu novamente o senhor Brodsky ao piano a tocar músicas de dança dos anos trinta. Como conhecia ele estas músicas? A Rainha concordou que a mobília fosse afastada para se criar mais espaço para dançar.

Tudo começara de forma bastante decorosa, até que alguém se sentara ao piano. Quem? O marido da professora, segundo julgava lembrar-se, e a verdade é que era surpreendentemente bom. O jovem russo ficou livre para se juntar ao grupo. Os seus modos eram impecáveis quando bateu com os calcanhares e fez uma vénia à sua anfitriã, enquanto tinha no olhar uma expressão de verdadeira súplica.

— Vossa Majestade. Concede-me esta dança?

Olhe, por acaso, concedia. E, quando deu por si, estava a dançar o *fox-trot* pela sala fora sem se lembrar sequer da dor ciática. Naquela noite usava um vestido de *chiffon* leve, com saias bastante amplas. O senhor Brodsky era um parceiro de dança competentíssimo, recordando-a dos passos que já se esquecera que conhecia. O seu ritmo era imaculado e conseguira fazê-la sentir-se como a Ginger Rogers.

A esta altura, praticamente todo o grupo se juntara a eles. A música tornou-se mais sonora e atrevida. Começou a ouvir-se um tango argentino. Seria ainda o marido da professora ao piano? Até o arcebispo da Cantuária se sentira tentado a dar um pé de dança com uma das bailarinas, para grande diversão dos demais. Alguns casais dançaram também um pouco, mas nenhum deles conseguiu rivalizar com o russo e a sua última companheira — a outra bailarina —, que deslizavam majestosamente pela sala.

A Rainha retirara-se pouco depois, deixando os seus convidados à vontade para continuarem a dançar até lhes apetercer. Nos seus tempos áureos, a Rainha conseguia resistir mais tempo do que metade do Ministério dos Negócios Estrangeiros, mas agora mal conseguia passar das dez e meia. Porém, não havia qualquer motivo para abreviar uma festa tão agradável. A sua camareira soube através de um dos ajudantes de mordomo que a festa continuara até bem depois da meia-noite.

Foi a última vez que o vira: a dançar em redor da sala de estar com uma jovem e bonita bailarina nos seus braços. Com um ar magnífico, feliz... e intensamente vivo.

QUANDO CHEGOU PARA PARTILHAR O CAFÉ DEPOIS DO ALMOÇO, FILIPE JÁ sabia das notícias.

— Lilibet, sabias que o homem estava despido?

— Sim, na verdade, sabia.

— Pendurado como um deputado conservador. Há uma palavra para isso. Como é? Qualquer coisa autossexo?

— Asfixia autoerótica — respondeu a Rainha com ar sombrio. Tinha ido pesquisar no seu *iPad*.

— É isso, pois é. Lembras-te do Buffy?

Lembrava-se efetivamente do sétimo conde de Wandle, um velho amigo que nos anos cinquenta era grande adepto deste tipo de práticas, claro que se lembrava dele. Naquela altura, estas coisas pareciam ser quase *de rigueur* em certos círculos.

— O que viu o mordomo dele, não? — disse Filipe. — Segundo se consta, teve de socorrer o pobre diabo em muitas ocasiões. Bem, o Buffy não era exatamente um homem atraente, mesmo quando estava vestido.

— O que lhe terá passado pela cabeça? — questionou-se a Rainha.

— Não me atrevo sequer a tentar imaginar a vida sexual do Buffy, minha querida.

— Não, estou a falar do jovem russo. O Brodsky.

— Bem, parece-me bastante óbvio — disse Filipe, gesticulando à sua volta. — Sabes como são as pessoas quando aqui vêm. Entram no castelo, julgam que a ocasião será o pináculo da sua triste existência e sentem necessidade de descomprimir um pouco. As manobras arriscadas que por aqui se fazem quando pensam que não estamos a ver... Pobre diabo. — Baixou a voz com comiseração. — Não pensou bem no que estava a fazer. A última coisa que uma pessoa deseja é ser encontrada num palácio real com os tintins de fora.

— Filipe!

— Não, estou a falar a sério. Não admira que esteja toda a gente a tentar abafar o caso. Isso é para proteger os teus nervos tão frágeis.

A Rainha olhou para o marido com uma expressão dura.

— Esquecem-se de que já passei por uma guerra mundial, por aquela rapariga Ferguson e pelos anos em que estiveste na Marinha.

— E mesmo assim acham que precisas de sais de cheiro de cada vez que se faz a mais débil alusão a algo apimentado. A única coisa que veem é uma velha senhora de chapéu. — Sorriu quando a Rainha franziu o sobrolho. Este último comentário era verdadeiro, muito útil, mas bastante triste. — Não te preocupes, minha pequena Couve, eles amam a pequena velha senhora. — Levantou-se da cadeira com dificuldade. — Não te esqueças de que mais tarde vou para a Escócia. O Dickie diz que o salmão este ano está espetacular. Precisas de alguma coisa de lá? De caramelos? Da cabeça da Nicola Sturgeon numa bandeja?

— Não, muito obrigada. Quando regressas?

— Daqui a uma semana, mais ou menos. Chegarei mais do que a tempo para o teu aniversário. O Dickie vai entupir um pouco mais a atmosfera e mandar-me o seu jato privado.

A Rainha assentiu. Atualmente, Filipe tinha o tempo quase todo por sua conta. Há muitos anos, fora uma verdadeira fonte de desgosto sempre que ele desaparecia, sabe-se lá com quem, para fazer sabe Deus o quê, deixando-a à frente de tudo. Uma parte de si tinha também ciúmes da liberdade do marido, da sua autodeterminação. Mas ele voltava sempre, trazendo consigo uma onda de energia que percorria os corredores do poder como uma fresca brisa marinha. E ela aprendera a sentir-se grata por isso.

— Na verdade — disse a Rainha, quando Filipe se dobrou com todas as suas artroses para lhe dar um beijo na testa —, não dizia que não a alguns caramelos.

— Os teus desejos são uma ordem. — Sorriu com ar travesso, fazendo o coração dela derreter-se como sempre, e saiu da sala.



## CAPÍTULO 3



**M**eredith Gostelow saiu com dificuldade do táxi que a levou de Windsor até ao Oeste de Londres — por um preço absurdo — e ficou a recuperar o fôlego enquanto o motorista ia buscar a mala à bagageira.

Olhou para o estuque rosa-pálido da sua casa e sentiu que nunca mais seria a mesma pessoa. Algo mudara e agora sentia-se aterrorizada, envergonhada e qualquer coisa que não conseguia identificar bem o que era. Não sabia ao certo o que lhe ia na alma, mas uma lágrima hesitante trilhou o seu caminho pela sua face direita. Desde que a menopausa a atropelara como se fosse um camião de carga que qualquer tipo de humidade era muito difícil de obter. Era uma mulher jovem num corpo velho, enclausurada e debilitada numa carapaça física que não conseguia controlar. A noite passada só piorara as coisas.

E depois, esta manhã... Se não soubesse que seria impossível voltar a levantar-se, ter-se-ia deixado cair de joelhos.

— É tudo, minha senhora?

Olhou em redor, verificou se tinha a mala de viagem e a de mão e assentiu. Já lhe pagara com o cartão, ainda no interior do carro. Duzentas libras! Onde é que ela estava com a cabeça? Mas, também, quem é que chama um Uber para fazer a viagem do Castelo de Windsor para Londres? Claro que podia ter ido para a estação e apanhado o comboio para o centro de Londres, como faria qualquer pessoa sensata que não conduzisse, mas quando se está em Windsor pensa-se nas coisas de uma forma diferente.

Rodeada de criados de libré, uma pessoa sente-se mais expansiva. Se está ali no castelo é porque é uma pessoa de sucesso. Na noite passada, passou vinte minutos a conversar com o arcebispo da Cantuária acerca de uma potencial comissão para a construção de uma igreja do século XXI em Southwark. E é assim que se chama um carro e se suporta a despesa... enquanto se diz adeus ao valor de um boião grande de *Crème de la Mer* para estar parada no meio do trânsito terrível e completamente previsível da M4.

Uma pessoa era... *ela* era... Tinha mesmo de parar de pensar em si mesma como uma versão barata da Rainha. Se bem que Sua Majestade era bem conhecida por não abrir os cordões à bolsa por dá cá aquela palha. De qualquer maneira, ela, Meredith Gostelow, estava sozinha.

Um companheiro teria tido a ideia de regressarem de comboio. Um companheiro ter-lhe-ia dado um momento para pensar melhor. Um companheiro teria evitado... o que aconteceu na última noite. Um companheiro podia tê-la trazido num carro grande e agradável. E estaria agora a levar-lhe a mala pelo pequeno lanço de escadas acima, até à porta da entrada.

Falaria com ela, dir-lhe-ia o que fazer, precisaria de comida feita, cama lavada e atenção dedicada, o que seria um verdadeiro pesadelo. Meredith já tinha percorrido este palavreado sem sentido milhares de vezes e agora amaldiçoou-se por o repetir novamente.

Só que na última noite algo mudara. Algo muito profundo em si.

E por falar nisso, precisava desesperadamente de ir à casa de banho. Segurou a pega da mala de viagem com uma das mãos, apertou a mala de ombro contra o peito com a outra e decidiu-se a subir os degraus. Quando conseguiu finalmente encontrar as chaves, pousar as malas e correr pelo corredor fora, sentou-se na sanita mesmo no último instante.

Velhotas. Não havia réstia de humidade quando mais precisavam dela. Mas quando não precisavam, ela aparecia aos litros.

MASHA PEYROVSKAYA ESTAVA SENTADA NO BANCO DE TRÁS DO *MERCEDES Maybach* a ouvir os sons ritmados e musicais de frases em italiano, enquanto o carro percorria o caminho para casa. Levava as mãos pousadas sobre o colo e admirava o extraordinário espetáculo de luz criado pelas facetas do diamante amarelo do tamanho de um ovo de gaivota que usava no dedo da aliança. Do outro lado do banco, Yuri ia ao telefone, a rosnar obscenidades em russo. Um músculo do seu pescoço contorcia-se ao ritmo das palavras.

É impressionante a rapidez com que o melhor dia das nossas vidas se pode transformar simplesmente em mais uma coisa que se fez.

Nos auscultadores de Masha, a aplicação de italiano dizia qualquer coisa sobre o prazer de se estar ao ar livre. Ou seria sobre quadros? Não estava com atenção.

Yuri não perdera tempo a dizer-lhe como fora grosseira, vulgar. Como lhe arruinara o pequeno-almoço ao falar da Disney. Como arruinara o momento para toda a gente.

Mas não fora ele que perguntara se podia levar o seu próprio *chef* (não podia), que se recusara a comer tudo o que não fosse alcalino, e que insistira em pôr o seu próprio sal rosa dos Himalaias no pequeno-almoço, sal este que levou numa caixinha de cristal para medicamentos? Na altura, a ex-mulher do embaixador estava a olhar para ele e Masha bem viu o olhar que ela lhe dirigiu.

O problema do Castelo de Windsor é que era um sonho. As pessoas reais estragam-no.

Naquele dia preparava-se uma verdadeira guerra comercial. Os mercados estavam em baixa. Yuri estava furioso que algumas ações não tivessem sido vendidas no dia anterior, quando dera ordem para que o fizessem. Discutiu tanto que acabou por ficar sem bÍlis e desligou o telefone com uma punhalada feroz do polegar.

— Quinhentos mil. Podes dizer adeus à tua galeria.

Olhou furiosamente para a mulher, com uma expressão ferida. Ela olhou finalmente para ele ao ouvir a palavra «galeria». *Ótimo*, pensou ele. Foi exatamente por isso que a proferiu. As coisas que precisava de fazer para ter atenção de Masha! Parecia não haver forma de a mulher o apoiar enquanto ele tentava manter tudo em ordem para ela, para ambos, para o seu futuro. A única coisa que lhe importava era a arte — colecionar obras de arte, exibi-las e dar-se com o tipo de pessoas que a faziam sentir-se inteligente só porque sabia palavras como pós-impressionismo. Isso e ser adorada como uma deusa. Bem, ele tentara adorá-la durante anos, desde que a conhecera, quando ela tinha dezassete anos e era *realmente* uma deusa, vestida com a *T-shirt* minúscula e calças de ganga encardidas, mas agora começava a ficar cansado. E não era exatamente o único a sentir-se assim.

— Já agora — disse ele casualmente, como tinha ensaiado. — O Maksim morreu.

— O quê?

Yuri observou como o rosto dela congelou.

— Morreu esta manhã. Provavelmente de ataque cardíaco. Gostavas dele, não gostavas?

Por instantes, ela não conseguiu falar. Quando o fez, a sua voz era pouco mais do que um murmúrio.

— Um pouco.

— Tantas aulas de piano que tiveste com ele. Tantas. Tens de tocar para mim algumas das peças que aprendeste com ele.

Observou a forma como ela o fitava, como se o que estava a dizer fosse propositadamente chocante. Como se estivesse a fazer alguma coisa ultrajante. Olhava para ele daquela forma já habitual, sem dizer nada, do alto do seu pedestal de deusa, algures lá em cima na estratosfera. Quando tudo o que ele queria era que ela descesse e o alcançasse. Queria que ela ardesse de vergonha e viesse até ele, suave e humilde, que o abraçasse. Por que motivo não entendia? A vilã desta história era *ela*. Porque fazia sempre com que a culpa fosse dele? Ainda sentia o coração a bater com força. Porque o deixara beber tanto? Saberla ela o que ia acontecer a seguir?

Ela tirou os auscultadores dos ouvidos. O silêncio envolveu-os como um manto enquanto tentava encontrar alguma coisa para dizer.

— Quando chegarmos a casa, toco uma peça para ti — murmurou ela finalmente. As lágrimas ameaçavam cair-lhe dos olhos divinamente brilhantes, mas conseguiu contê-las.

Esta mulher era feita de gelo, pensou ele. Mas um dia haveria de conseguir que ela derretesse.

NO CASTELO, A RAINHA TENTOU DISTRAIR-SE EM VÃO DOS PENSAMENTOS sobre o pobre transviado rapaz pendurado no armário. Passara a tarde com o gerente de corridas, a rever as próximas entradas em Ascot. Com o público afastado do local para garantir a sua segurança, a Rainha ia a caminho do Grande Salão de Receções para inspecionar uma das tapeçarias que sofreram um pequeno restauro. A meio do caminho, foi intercetada por um segurança que lhe disse que Sir Simon precisava de a ver com urgência.

— Ele disse-lhe porquê?

O segurança escutou o radiotransmissor que tinha consigo.

— Ele pediu-me que lhe dissesse que surgiu um desenvolvimento, minha senhora — disse o homem inexpressivamente. A Rainha aprovou a sua falta de curiosidade. A última coisa que uma pessoa precisava era de

criados que quase assentiam e piscavam o olho quando nos transmitiam notícias. Este tipo de pessoas nunca durava muito tempo no trabalho.

Com um suspiro, a Rainha deu meia-volta sobre os calcanhares e regressou ao seu escritório. Se Sir Simon a mandara procurar com tanta insistência é porque o assunto devia ser importante. Voltou a atravessar os Apartamentos Semiestatais, onde recebera os convidados da noite anterior, percorrendo o Grande Corredor, onde se situavam os seus próprios aposentos privados. Quando chegou ao Átrio das Lanternas, encontrou um grupo de pessoas que vinha do lado oposto. Fora neste ponto que o incêndio começara, e apesar de agora tudo ter um aspeto esplêndido com o teto novo, com as madeiras dispostas como leques, por vezes ainda sentia um arrepio quando passava por ali. O grupo, por sua vez, parecia bastante atordoado por a ver no átrio.

À sua frente vinha um homem de meia-idade, com ar distinto, maxilares quadrados e fato completo às riscas com gravata.

— Governador!

— Vossa Majestade. — O general Sir Peter Venn bateu com os calcanhares e curvou brevemente o pescoço numa vénia. Era o único que não parecia surpreso, porque não se surpreendera. Enquanto atual governador do Castelo de Windsor, vivia num dos apartamentos cedidos da Torre Norman, junto ao portão para a Ala Superior, e a Rainha conhecia-o bem. Na verdade, podia ter enumerado, por ordem, todas as posições que ele tivera à volta do globo e citar as comendas que recebeu em metade delas. Também conhecera o seu tio, que encontrara pela primeira vez numa festa no *Britannia*, em Hong Kong, quando ele era um tenente magro. A Rainha atribuíra-lhe muitas medalhas pelo cumprimento de missões demasiado secretas para nomear. Os Venns eram uma família com uma forte tradição militar. Se alguma vez tivesse de passar por uma revolução, havia de querer Peter atrás de si para a proteger. Ou, melhor ainda, dois ou três passos à sua frente.

— Está com um ar muito atarefado — disse ela quando se aproximaram.

— Na verdade, acabámos agora mesmo, minha senhora. Tivemos uma reunião muito útil. Estava prestes a começar uma pequena visita guiada.

Ela sorriu para o grupo com uma vaga expressão de aprovação; já conhecera a maior parte das pessoas no dia anterior. Quando se preparava para seguir o seu caminho, reparou que Sir Peter tinha uma expressão particular no rosto. Se não soubesse que ele era um general conservador, capaz de gerir qualquer eventualidade, quase podia considerá-la uma expressão

de excitação. Hesitou por um instante e, aproveitando a oportunidade, Sir Peter perguntou:

— Posso apresentar-lhe Kelvin Lo, minha senhora? Ele está a desenvolver um trabalho muito interessante para nós no Djibuti.

«Trabalho interessante» significava espionagem internacional. Sir Peter estivera a conduzir uma reunião em nome do MI6 e do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Um homem jovem com feições orientais, com uma espécie de camisola de capuz por cima — seria mesmo? Sim! Eram calças de fato de treino! —, deu um passo em frente e fez uma vénia com timidez. Parecia completamente assoberbado com a honra de a conhecer. A Rainha desejava não ter este efeito nas pessoas. Era verdadeiramente cansativo, embora fosse evidente que as pessoas tagarelas e que partilhavam demais (Harry ensinou-lhe estes termos — que são na verdade uma descrição bastante moderna e útil para pessoas chatas) fossem ainda piores.

— Esteve aqui ontem à noite? — perguntou a Rainha.

— Não, Vossa Majes... humm, minha senhora.

— Oh?

Ele levantou os olhos dos ténis o tempo suficiente para perceber que ela continua a fitá-lo.

— O meu voo atrasou-se — conseguiu murmurar o rapaz.

A Rainha desistiu. Havia um limite para o tempo que uma pessoa devia dedicar à juventude pouco eloquente, por muito brilhante que fosse. Os restantes membros do grupo não tinham sido muito mais interessantes na noite anterior, e a tendência mantinha-se. Um dos homens tremia como varas verdes sopradas pela brisa de Berkshire, e a jovem mulher ao lado dele estava com um ar absolutamente indisposto. Despediu-se deles. Queria saber o que Sir Simon tinha para lhe contar e apressou-se a ir para o seu escritório, onde ele a esperava.

NA RUA, OS CANDEEIROS COMEÇAVAM A ACENDER-SE, LANÇANDO O SEU brilho opalescente sobre os relvados e caminhos que davam acesso ao Long Walk. Ficou contente por ainda não terem fechado as cortinas. Dentro do castelo, o ambiente era luminoso e aconchegante, e estava na hora de beber um *gin*.

Mas, antes disso, o trabalho.

— Sim, Simon, o que se passou?

Sir Simon esperou até que a Rainha se sentasse à secretária.

— É o jovem russo, minha senhora. O senhor Brodsky.

— Presumi que se tratasse desse assunto.

— Não foi um acidente.

Ela franziu o sobrolho.

— Oh, céus. Pobre homem. Como se soube disso?

— Pelo nó, minha senhora. A médica-legista achou que alguma coisa não batia certo. O osso hioide estava partido. É um dos ossos no pescoço, minha senhora...

— Eu sei o que são ossos hioides. — Já lera muitos romances de Dick Francis. Os ossos hioides apareciam muitas vezes partidos. O que nunca era bom sinal.

— Ah. A fratura em si não prova necessariamente que foi crime, já que pode acontecer em qualquer enforcamento, mas a marca em volta do pescoço também é invulgar. Nem isso foi conclusivo. A patologista esteve a trabalhar no caso durante toda a tarde, já que queremos obter algumas certezas. De qualquer maneira, ela observou as fotografias da cena e... bem, não são muito reconfortantes. Há um problema com o nó.

— Ele deu mal o nó? — A Rainha estava a ficar alarmada. Imaginou o pobre pianista a segurar no cinto do robe com as suas mãos elegantes. Talvez tivesse intenção de se salvar e não fosse capaz. Que horror.

Sir Simon abanou a cabeça.

— O problema não estava no nó corredio em volta do pescoço, mas no da outra extremidade.

— Que extremidade?

— Humm, pode parar-me à vontade, se... não quiser que lhe diga...

— Oh, Simon, despache-se lá com os detalhes.

— Sim, minha senhora. Quando uma pessoa pretende... apertar estes nós por... prazer, ou para qualquer outro propósito, é necessário atar a corda ou o cinto a algo que não ceda. Segundo parece, Brodsky escolheu a maçaneta da porta do armário e depois passou o cinto por cima do varão, no seu interior, por cima da cabeça.

Agora, a Rainha conseguia imaginar o pobre homem no interior do armário, mas sentia dificuldade em entender qual seria o propósito.

— Certamente não havia espaço para que caísse?

— Aparentemente não é necessário. — Sir Simon tinha um semblante terrivelmente miserável perante esta sua recente área de conhecimento. — Com um nó corredio, basta dobrar os joelhos. Muitas das pessoas que fazem isto... por prazer... gostam de o fazer assim, segundo fui informado,

porque sabem que, quando chegam ao fim, basta esticar as pernas e alargar o nó; a questão é que nem sempre funciona porque algumas pessoas perdem os sentidos, ou não são capazes de alargar o nó e depois...

A Rainha assentiu. Era como imaginara. Pobre, pobre homem.

Sir Simon continuou:

— Mas nada disto é relevante, minha senhora, porque não foi assim que ele morreu.

Seguiu-se uma brevíssima pausa.

— O que quer dizer com isso, «não foi assim que ele morreu»?

— Se Brodsky tivesse morrido assim, intencionalmente ou não, o peso do seu corpo teria forçado o nó que prendia o cinto do robe à maçaneta da porta. Mas esse nó ainda estava bastante lasso: não tinha sido esticado ou apertado pelo peso do corpo a cair. A médica-legista recriou as circunstâncias usando um cinto semelhante e o resultado foi razoavelmente conclusivo. O cinto em redor do pescoço do senhor Brodsky foi atado à maçaneta da porta depois de...

Agora a pausa foi prolongada.

— Oh.

Durante uns bons trinta segundos, o único som que se ouvia na sala era o bater do relógio de ouropel.

Inicialmente, a Rainha pensara que se tratara de uma morte acidental, o que já era suficientemente mau. Depois, colocara a hipótese de um suicídio deliberado, o que era terrível... Agora via-se forçada a considerar uma possibilidade nova e impensável.

— E sabem quem...?

— Não, minha senhora. De todo. Como é evidente, quis informá-la de imediato. Temos uma equipa a instalar-se na Torre Redonda. Estão agora a começar a trabalhar no caso.

A RAINHA TINHA O SEU *GIN* E *DUBONNET*, QUE ESTAVA BASTANTE FORTE. Sentia falta de Filipe. Ele teria dito algo deselegante, fá-la-ia rir, e saberia como ela estava profundamente perturbada com tudo isto; ter-se-ia preocupado com ela.

Não que o pessoal não se preocupasse, assim como Lady Caroline Cadwallader, que era a sua dama de companhia naquele dia e que a ouviu solidária enquanto lhe relatava toda a história. As poucas pessoas que sabiam a verdade tinham uma expressão de piedade no olhar que a Rainha



pura e simplesmente não suportava. Não que estivesse infeliz por si — isso seria ridículo: estava triste pelo castelo, pela comunidade e pelo jovem rapaz cuja vida fora brutalmente ceifada, de forma tão ignóbil. Também se sentia ligeiramente enervada.

Havia um assassino à solta no Castelo de Windsor. Ou, pelo menos, estivera ali um assassino na noite anterior.

A Rainha preparou-se para o jantar — hoje seria uma ocasião íntima para alguns familiares e amigos — e procurou assumir uma expressão corajosa. Esta noite, os melhores cérebros da polícia e das agências governamentais relevantes iriam trabalhar arduamente no caso e uma pessoa podia apenas confiar que o resolveriam tão depressa quanto possível. Entretanto, ainda era capaz de ter tempo para beber um segundo *gin*.